

# ESQUEMAS DE LEITURA

## READING SCHEMES

ANDREA CRISTINA MURARO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto recupera as anotações de aulas do curso “Seminários de Teoria Literária: ensaios de Antonio Candido”, ministrado pelo prof. Dr. Joaquim Alves de Aguiar, ao longo do primeiro semestre de 2003, no programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP. A ideia é refletir sobre alguns dos esquemas ou roteiros de leitura, sugeridos na ementa de curso e lidos de forma a aprofundar a compreensão do pensamento crítico de Antonio Candido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Candido, Ensaio, Crítica Literária, Método

**ABSTRACT:** This text retrieves the class notes of the course “Seminars of Literary Theory: essays by Antonio Candido”, taught by professor Joaquim Alves de Aguiar, during the first semester, 2003, in the Graduate Program in Literary Theory and Comparative Literature – FFLCH/USP. The idea is to reflect on some schemes or reading itineraries, suggested in the course menu and read in order to understanding of the critical thinking of Antonio Candido.

**KEYWORDS:** Antonio Candido, Essay, Literary Criticism, Method

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Unilab, campus Ceará. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

“O que seria necessário ler sobre as ideias de Antonio Candido em processo?” e “Como as ideias são apresentadas?”<sup>2</sup> foram as duas questões colocadas pelo professor Joaquim Alves de Aguiar<sup>3</sup>, na apresentação do curso “Ensaio de Antonio Candido”, em abril de 2003. Para quem, como eu, assistia às aulas despretensiosamente na qualidade de ouvinte, as questões me pareciam à época bastante instigantes, considerando o fato de que Candido, até 1950, já havia publicado ao menos 200 textos... Tarefa gigantesca: ler ensaios curtos, conforme o professor mesmo enfatizou, ao lado de ensaios com mais fôlego, e, ao mesmo tempo, para dar um tripé, cotejar os textos dos críticos sobre a obra de Candido. Isto era o que significava o “em processo” da pergunta inicial.

Ao longo do curso, foi possível perceber que ler como se fosse um quebracabeças era um ponto de partida para entender que Candido é referência para política, filosofia, para tudo... Os esquemas de leitura propostos funcionavam como integração do pensamento crítico e, conseqüentemente, dinamizavam o curso.

Na introdução das aulas, havia a motivação de situar Antonio Candido na medida de sua presença intelectual ao longo de décadas, por isso, a formação do crítico era colocada em pauta como modo de ressaltar a experiência:

Lembremos o estudante de Direito que, no final dos anos 30, se lança na luta contra a ditadura do Estado Novo; o rapaz que nos anos 40 abraça a causa socialista; o pesquisador e o professor que se debruçam nos estudos do homem e da literatura; o intelectual que combate o arbítrio e o preconceito; o representante da elite ilustrada que se põe ao lado dos desfavorecidos; o militante-fundador de dois partidos políticos que um dia sonharam fazer do Brasil um país mais justo etc. Em todos os recortes de sua trajetória está em causa a luta pela felicidade humana. Ela pode pender para a sociologia e a sociedade, ou para os enigmas da arte e da existência, mas não me lembro de um escrito de Antonio Candido onde

2 Indicarei em nota de rodapé, quando a citação se referir às observações do professor Joaquim A. Aguiar, seguida da data da aula: AGUIAR, 03.04.03.

3 A partir de 1989, foi professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, da FFLCH/USP. Destaco, de sua produção, a dissertação de mestrado: *Música Popular e Indústria Cultural*, de 1989; a tese de doutorado: *Espaços da Memória: Um Estudo sobre Pedro Nava*, de 1996, pela FFLCH/USP e a tese de livre-docência: *O crítico luminoso e o narrador acabrunhado: Antonio Candido e Grande sertão: veredas*, de 2012.

não esteja explícita ou latente essa utopia que é dele e deveria ser de todos nós. Sei perfeitamente que a explicação é ampla demais, todavia é preciso considerar que não se vê o problema formulado, com a clareza e insistência com que ele o formulou, em nenhum crítico da sua geração e depois dela (AGUIAR, 2009, p.162).

Das aulas cuidadosamente escritas, ficava bastante claro que a bifurcação de temas, tratados nos ensaios de Candido, partia ou ainda: “era produto de um pensamento que se debruça sobre a realidade brasileira e do apogeu do romance regionalista, mais a atmosfera política da revolução de 1930, com a resistência ao Estado Novo. Surge [para Candido], um *pensamento radical* de classe média, pensamento não-aristocrático no Brasil com as faculdades produzindo estudos sobre os negros, trabalhadores...”<sup>4</sup>.

Isto posto, foi-nos dada a indicação de um primeiro esquema de leitura: “A revolução de 1930 e sua cultura”, de *Educação pela noite & outros ensaios*, junto de “Literatura e vida social” (1957) e “O escritor e o público” (1953), de *Literatura e sociedade*, mais os prefácios da *Formação da literatura brasileira*, de 1959 e 1962. Do primeiro, vale ressaltar a experiência entranhada no ensaio; além do mais, para ficar em um exemplo apenas, é curioso observar a carga de lucidez, quando Candido ressalva — entre parênteses literalmente — a obra de Gilberto Freyre em contraponto à de Sérgio Buarque de Holanda:

Com referência à interpretação histórica, o livro de Gilberto Freyre (apesar do peso saudosista de uma visão aristocrática) funcionou como fermento radicalizante, modificando o enfoque racista e convencional reinante até então, sobretudo pela escolha inovadora dos instrumentos de análise, bem como dos documentos e fatos a estudar (papéis íntimos, jornais; moda, alimentação, maneiras, vida sexual etc.). Discreta mas segura foi a contribuição de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (1935), que efetuou uma crítica muito aguda das soluções autoritárias do passado e do presente, ao mesmo tempo que quebrava o sentimentalismo lusófilo (visível em Gilberto Freyre) e punha em dúvida a capacidade das elites para o papel que se arrogavam, e era um dos temas dominantes do momento (CANDIDO, 2005, p. 190-191).

---

4 AGUIAR, 03.04.03.

O exemplo ajuda a entender a escolha do crítico pelo gênero ensaio. Conforme explicava o professor Joaquim: “embora ele não use a primeira pessoa, o ensaio não requer tudo do texto científico, tem objetividade e principalmente observação”<sup>5</sup>. Embora fora do esquema proposto, é de interesse dizer que Candido volta à obra de Gilberto Freyre, em um sugestivo título: “Aquele Gilberto”; novamente o “em processo” evidencia o caráter de observador atento aos prismas das épocas.

Também poderíamos pensar na segunda parte deste mesmo ensaio, em que Candido abre um panorama sobre a educação brasileira, sem entrar nos detalhes da reforma nos modos da Escola Nova, porque — naquele momento, a ideia era salientar “a educação que forma as elites para a literatura”<sup>6</sup>. Ao reler o ensaio, fica difícil resistir à tentação de não pensar paralelos com os dias atuais:

Uma das consequências [de 1930] foi o conceito de intelectual e artista como opositor, ou seja, que o seu lugar é no lado oposto da ordem estabelecida; e que faz parte da sua natureza adotar uma posição crítica em face dos regimes autoritários e da mentalidade conservadora. No entanto, este processo foi cheio de paradoxos, inclusive porque o intelectual e o artista foram intensamente cooptados pelos governos posteriores a 1930, devido ao grande aumento das atividades estatais e às exigências de uma crescente racionalização burocrática. Nem sempre foi fácil a colaboração sem submissão de um intelectual, cujo grupo se radicalizava, com um Estado de cunho cada vez mais autoritário. Resultaram tensões e acomodações, com incremento da divisão de papéis no mesmo indivíduo (CANDIDO, 1987, p.194).

Após estes pressupostos do processo social, o ensaio engata em sua terceira parte e o crítico vai aos romances de 1930. Enfoca, então, o caráter extensivo em “termos de representações de espaços e intenções, porque o leitor queria era descobrir o Brasil”<sup>7</sup>. Ainda pensando na forma do ensaio de Candido, salta à vista não só o *senso do concreto*. Junto disso, há um método crítico que não deixa de elencar — em contraste — os autores que “mostravam ter consciência dos requisitos da produção literária, mas na prática a sua escrita permanecia no

---

5 AGUIAR, 10.04.03.

6 AGUIAR, 10.04.03.

7 AGUIAR, 10.04.03.

nível cursivo que parecia ignorá-los — como Abguar Bastos, em cujo romance *Saфра* (1937) [...] vai descrever a vida dos apanhadores de castanha da Amazônia” (CANDIDO, 1989, p.196). De novo, tentativa de resgatar um dado para a atualidade: no mundo do senso comum em que vivemos, quais críticos se preocupam em destacar autores “maiores” e “menores”?

De volta aos esquemas de leitura, o que nos era indicado em aula, como bifurcação, é o fato de que, em paralelo, Candido escrevia a *Formação da Literatura Brasileira* desde 1945 e finalizava entre 1957 e 1959, somado aos que viriam a ser *Observador literário*, advindo da crítica literária em jornais, e *Literatura e sociedade*, cujos escritos situam-se entre 1953 e 1961. Não se deve deixar de ter em conta que, salvo engano, antes dos anos 1950, parece não haver crítica universitária no Brasil. Como ironicamente ressaltava o professor Joaquim, “se parece antiquado, é preciso olhar: a tendência de Candido para a contextualização, aos aspectos externos da obra, pode-se falar do meio sobre a obra, e da obra sobre o meio. Candido vai pelo primeiro caminho, o de integrar externo e interno”<sup>8</sup>.

Salvo erro, só em 2005, o pequeno *Noções de análise histórico-literária* é reeditado pela Humanitas. Na “Explicação”, formulada como apresentação, Candido mostra o que entendemos dele, como um homem de projetos:

Foi meio constrangido que, depois de muita relutância, resolvi autorizar a reprodução, para uso interno de nossa Faculdade, deste texto parcial de um curso introdutório que dei na faculdade de Assis [UNESP] para o primeiro ano, em 1959. A minha intenção naquela altura era redigir o curso à medida que o fosse ministrando com base em anotações, mas acabei fazendo isso apenas para os tópicos iniciais, que correspondem mais ou menos à terça parte. E nem lembro o que aconteceu com o resto. O curso era de “Introdução aos estudos literários”, e eu propus que se desse aos problemas de crítica textual mais atenção do que lhe costumavam dar os currículos de Letras. [...] O leitor eventual verá que este texto é obsoleto na maior parte, além de ser fruto de informação reduzida. Basta dizer que só depois de mimeografado e distribuído pude ter em mãos a obra fundamental de Giorgio Pasquali, *Storia della tradizione e critica del testo*, Firenze: Le Monnier, 1952, que a meu pedido o poeta Murilo Mendes mandou de Roma para Assis. E sei que os

8 AGUIAR, 24.04.03.

estudos sobre o que pode ser denominado “corpo do texto” se desenvolveram de maneira considerável depois que deixei a prática profissional dos estudos literários. O que está aqui deve ser considerado peça menor de museu, valendo para mostrar como se podia ver o problema há meio século (CANDIDO, 2005, p. 7-9).

Como se lê, além da modéstia latente e da contenção da linguagem, que, de simples, tudo tinha e, por esse mesmo motivo, revelava um tipo de crítico, para quem o “importante é mostrar concretamente”, era homem para quem sem exemplo não era possível mostrar o que importa, mesmo que “houvesse uma brilhante afirmação teórica”<sup>9</sup>. Ainda da passagem explicativa, facilmente percebemos a preocupação em preencher lacunas daquele recente curso de Letras, de forma a impulsionar e insemear determinada área de estudos. Como educador, engajado na prática da crítica, lemos nas entrelinhas não só a interlocução com a classe artística, ao citar Murilo Mendes, mas, percebemos que a interlocução demonstra também o professor de Letras, a quem cabia a missão de preencher os espaços, na ausência de uma bibliografia, naquele dado momento, o que só era possível, uma vez que “a sua tarefa não se perfaz sem os conhecimentos obtidos pela erudição literária” (CANDIDO, 2005, p.14).

As anotações de aula — que nada tem de peça de museu — se lidas hoje, continuam a cumprir muito bem sua função de introdução para análise histórico-literária. No tópico “Conceito e configurações de autoria”, lemos:

O erudito brasileiro Mendonça de Azevedo sustenta a tese, já defendida por outros e baseada numa tradição local de Ouro Preto, de que Cláudio Manoel da Costa não se suicidou na prisão: foi morto pelas autoridades, a fim de se poder atribuir a ele um depoimento falso, que servisse de peça incriminatória contra os seus amigos e permitisse, assim, a abertura do processo. Esta tradição vem talvez do desejo de limpar a memória do poeta, provando a falsidade dum depoimento que revela fraqueza moral. O mais verossímil, todavia, é que ele se haja suicidado, justamente, desesperado pelo que havia feito sob o império do pânico. E o suicídio o reabilita (CANDIDO, 2005, p.44).

---

9 AGUIAR, 03.04.03.

A graça do exemplo consiste no fato de podermos imaginar que o suposto dado de “museu” poderia se encaixar perfeitamente aos dois parágrafos dedicados a Cláudio Manuel da Costa, em “Letras e ideias do período colonial”, de *Literatura e Sociedade*; como também ao capítulo II da *Formação da Literatura Brasileira*. Mesmo não entrando nos detalhes dos textos, digamos que poderíamos fazer como nos esquemas de leitura, sugeridos pelo professor Joaquim Aguiar: algumas passagens destes três textos de Candido revelam tanto a bifurcação de seus métodos de análise, como o intenso trabalho para compor o processo social. Mais uma vez, poderíamos desdobrar o esquema de leitura, para um ensaio de 1966: “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, não só pelo tratamento dado ao tema da violência estrutural, mas também levando em conta alguns aspectos explicados na nota final do ensaio:

Agradeço a Paulo de Mello Carvalho a comunicação de relatos inéditos e velhos jornais de Cássia, MG, que mostrei aos estudantes durante o curso, **ilustrando com a realidade os níveis de elaboração literária**. Agradeço igualmente ao dr. Raul de Azevedo Barros, da mesma cidade e profundo conhecedor da história local, a oportunidade de consultar documentos e ler os raríssimos opúsculos de Antônio Celestino (CANDIDO, 2011, p.126, grifo nosso).

Conforme sugere a nota, temos novamente destacada a importância do professor-pesquisador que indica formas diferenciadas e hoje, talvez um tanto esquecidas, do ensino de Literatura: relatos, jornais e obras pertencentes a arquivos pessoais ainda por ler; a motivação consiste na preocupação daquele externo (realidade) para o interno (elaboração literária).

Além dos esquemas de leitura propostos inicialmente<sup>10</sup>, acontecia de, ao meio, o professor Aguiar sugerir outros mais. Reproduzo abaixo três dos que mais considero proveitosos, na forma como nos eram ditados:

---

10 Na ementa do curso, tínhamos indicado como conteúdos: 1. Introdução. 2. “A literatura e a vida social” e “O escritor e o público”. 3. “Estímulos da criação literária” e “Estrutura literária e função histórica”. 4. “A literatura e a formação do homem” e “O direito à literatura”. 5. “Literatura e subdesenvolvimento” e “Literatura de dois gumes”. 6. “Radicalismos” e “Radicais de ocasião”. 7. “A família brasileira”. 8. Panoramas: “O Romantismo no Brasil” e “Literatura e cultura de 1900 até 1945”. 9. Perfis: Teresina, Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. 10. “Dialética da malandragem”. 11. “A passagem de dois a três” e “De cortiço a cortiço”. 12. Conclusão. AGUIAR. 03.04.03.

1. *Formação + Método crítico de Silvio Romero + Literatura e sociedade* = Literatura
2. *Parceiros do Rio Bonito* + 12 ensaios de sociologia + *Tradição esquecida* = Sociologia.
3. Ensaios de *Teresina* + *Vários Escritos* + *Textos de intervenção* (“Conduta” e “Conjuntura”) = Política<sup>11</sup>.

Este último era um tópico de aula, anteriormente nomeado como “Perfis” e partia do ensaio *Teresina e seus amigos*, dividido em três partes. Na primeira delas, “Crônica Inicial”, Candido trata da biografia de Teresina, com quem sua família conviveu; na segunda parte, trata do ser socialista, das “convicções” e, na terceira parte, após a morte dela, d’“Os outros”, e como isso se incorpora ao seu modo de ser. Editado atualmente como *Teresina etc.* é um conjunto de textos em que o tema político predomina; para isso, basta ir à segunda parte e ler os incisivos “Radicais de ocasião” ou/e “Integralismo= fascismo?”. Entretanto, há em *Teresina* uma dosagem na escrita que incorpora acentuadamente a própria presença de Candido<sup>12</sup>. Para esclarecer melhor, a italiana Teresina parece um personagem, o qual não perdia a persistência revolucionária, mesmo estando na distante Poços de Caldas há 40 anos. Entretanto são as controvérsias de seu cotidiano como ser humano que mais se destacam no ensaio:

Às vezes alugava um ou dois quartos a pessoas com as quais estabelecia relações complicadas, começando em geral por achar que eram anjos e acabando por enxotá-los como demônios depois de uma urdidura de suspeitas, coroada não raro pelo calote do inquilino (CANDIDO, 2007, p.27).

11 AGUIAR, 10.07.03.

12 Parece que Teresina é texto que intriga vários, leia-se por exemplo os desdobramentos possíveis para Boris Schnaiderman: “Enfim, o texto de Antonio Candido nos coloca diante de uma realidade humana e histórica abordada em profundidade, com característica de ensaio, e foi por isso que o denominei assim. Ao mesmo tempo, o evidente fundo autobiográfico leva a designá-lo como obra confessional. Mas, pensando melhor, tendemos a reconhecer que Teresina sai das páginas do livro com as características de uma figura de ficção, e em vista disso, o texto acaba aparecendo como verdadeira novela, não obstante o acúmulo de fatos reais meticulosamente documentados. E isto me leva a pensar mais uma vez em como se tornaram elásticos os limites entre os gêneros” (2009, p.203). Ou para um contraste, leia-se também o texto de Michael Löwy, *Teresina etc: o socialismo de Antonio Candido* (2018, p.122-127).



Se fôssemos desdobrar em mais um esquema, o que de fato o prof. Joaquim fez, estaríamos ali lendo um dos exemplos do texto “A personagem do romance” em que se trata da semelhança entre personagens fictícios e humanos — reais, por assim dizer. Em *Teresina* é o que deixa o texto “oscilante, como biografia ficcionalizada, pois é um texto motivado histórica e afetivamente, causando um fascínio de ordem geral”<sup>13</sup>, daí o encantamento intrigante que toca o leitor por sua fragmentação, do olhar para o detalhe, como o da deliciosa reprodução de falas da senhora: “Um puro, não vive *inamorando*, sabe quatro ou cinco idiomas e creio que tem ideias socialistas” ou “creio que é anárquico” (CANDIDO, 2007, p.27).

Das aulas, e embora eu tenha destacado aqui aquelas que mais tarde colaboraram para que eu pudesse entender os meus objetos de estudo, ainda ficará por dizer sobre os convidados que gentilmente aceitavam vir falar sobre algum aspecto dos ensaios e seus legados, tais como os professores Leopoldo Waizbort e Iná Camargo Costa, dentre outros<sup>14</sup>. Até mesmo um convidado surpresa, o próprio Antonio Candido, que rapidamente fez lotar a sala 102 do prédio de Letras, com sua fala ponderada e bem-humorada — a sua “crítica falada” (2018, p. 485), como mais tarde ele mesmo definiu.

Por último, não posso deixar de comentar o ensaio do próprio professor Joaquim A. Aguiar, “Dois em um (notas sobre *Tese e antítese* e *O discurso e a cidade*)”. As notas, conforme ele escreve, foram feitas a partir do curso de 2003,

13 AGUIAR, 12.06.03

14 Na ementa do curso, a bibliografia sobre os críticos de Antonio Candido era composta por: “AGUIAR, Flavio. *Antonio Candido: Pensamento e Militância*. São Paulo, Humanitas, 1999. ARANTES, Paulo Eduardo. “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”. In: Paulo e Otília Fiori Arantes. *Sentidos da Formação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, pp. 7-66. DANTAS, Vinicius (org.) *Bibliografia de Antonio Candido e Textos de intervenção*. Rio de Janeiro, ed. 34, 2002, 2 v. DINCAO, Maria Angela e SACARABÔTOLO, Eloísa (org.). *Dentro do texto, dentro da vida. Ensaaios sobre Antonio Candido*. São Paulo, Companhia das letras, 1992. JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida. Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. São Paulo, Humanitas/BH, UFMG, 2002. PEDROSA, Célia. *Antonio Candido, a palavra empenhada*. São Paulo, Edusp, 1994. PONTES, Heloísa. *Destinos mistos. Os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. SCHWARZ, Roberto. Parte I de *Sequências brasileiras*. São Paulo, Companhia das letras, 1999. VÁRIOS AUTORES. *Esboço de figura. Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo, Duas Cidades, 1979.”

sobre o qual comentei aqui. A ideia corajosa do texto é amarrar os dois livros, como “processo contínuo” e dar luz ao tema “da luta humana pela felicidade”. Revisando as minhas anotações de aula, é de curioso manejo como foi amarrando os desdobramentos do primeiro para o segundo livro: “separados por quase três décadas, contêm exclusivamente ensaios de análise de obras e autores, distinguindo-se de outros trabalhos de Antonio Candido, onde pode haver perfis, esquemas, discussões teóricas e amplos panoramas. São dois volumes de crítica, estritamente falando” (AGUIAR, 2009, p.156).

Com elegância e clareza de escrita, o ensaio não só reconstrói a densidade da análise de Candido, maturada pela distância temporal entre a elaboração dos dois livros, como também dá atenção elaborada para a arquitetura do texto e seus paratextos, ou seja, os detalhes caros ao crítico postos em perspectiva, como as epígrafes dos ensaios, por exemplo. Ou ainda, como quando discorre sobre a organização dos ensaios e podemos observar o crítico preocupado com a banalidade e o descuido:

Num presente como o nosso, acometido pela febre de publicações, com livros e mais livros de ensaios, mostrando, em maioria, ajuntamento de escritos, a esmerada organização de *O discurso e a cidade* chega a surpreender. Trata-se de livro urdido e tramado segundo o senso dos contrários. Nele, o jogo entre simetria e assimetria da forma, ou seja, a escolha do repertório e a disposição dos ensaios espelham a natureza das questões que os mesmos ensaios examinam (AGUIAR, 2009, p.161).

Mais para o fim, argumenta que tanto no Romantismo de Stendhal como no Modernismo de Mário de Andrade, analisados por Candido, a ideia sobre a busca da felicidade humana assemelha-se ao trabalho de Sísifo — estamos sempre empurrando algo ladeira acima e este algo é sempre maior do que nós: “A felicidade almejada é fruto do devaneio, não passa de veleidade do indivíduo, mas o indivíduo é o poeta e somos todos nós. Talvez a busca seja um gasto inútil de energia e, no entanto, dos mais humanos e legítimos” (AGUIAR, 2009, p. 163). Cabe dizer que, ao longo das aulas, fomos generosamente alertados dos recortes pelos quais Antonio Candido não tinha ainda sido observado com atenção. Um deles é justamente a preocupação existencial do crítico com o tema da felicidade humana, que o professor Joaquim Aguiar recupera no ensaio *Dois*

em um: “entre o ser e o ato há um intervalo complicado na vida”<sup>15</sup>. Como em a “Louvação da tarde”, de Mário de Andrade, a “felicidade é uma tomada de cena rápida”<sup>16</sup>, sem deixar de ser processo e construção, “do *modernismo*” à “*modernidade*” (CANDIDO, 2004, p.244).

A imagem ajuda a responder as duas questões iniciais do curso de 2003: o que ler para entender “em processo” os ensaios de Candido? Além do que foi destacado anteriormente, com *Teresina etc.*, pela via memorialística da primeira parte, pode-se ler a segunda parte, nomeada como “Diversos”, junto dos ensaios finais de *Vários Escritos*, como uma das formas de entender a construção do pensamento político do crítico<sup>17</sup>. Já a primeira parte de *Vários Escritos* faz paralelos com *A formação da literatura brasileira*, tendo em vista a continuidade ou o desdobramento temporal do repertório escolhido: Machado de Assis, Oswald de Andrade, Drummond e Guimarães Rosa. Portanto, uma variante do esquema seria: primeiro, a observação do repertório do crítico, isto é, as escolhas feitas na composição de *O discurso e a cidade*, como “Os fora de esquadro” da terceira parte, em que o leitor vai da “Carta Marítima”, de Souza Caldas, para “Poesia pantagruélica” e “Pomos do mal”, até a síntese de “O poeta itinerante”, que é, na verdade, um “roteiro de poesia brasileira, só que contada pelo seu avesso”<sup>18</sup>, ou, se quisermos ler de outra maneira, escolhas de repertório que não cabiam na proposta e no formato de *A formação da literatura brasileira*, mas que lhe seriam complementares. Também seriam parte das bifurcações de *A Formação*, o repertório da primeira parte de *O discurso e a cidade*, em que temos a discussão sobre “um nó” para a crítica brasileira até então, indo de “Dialética da malandragem” até “De cortiço a cortiço”, exemplos de como o crítico enfrentou a discussão da forma realista no Brasil. Pelo caminho da antítese, na segunda parte de *O discurso e a cidade*, o repertório percorre Cavafis, Kafka, Buzzati, Gracq e as análises das representações

15 AGUIAR, 10.07.03.

16 AGUIAR, 10.07.03.

17 Os esquemas de leitura propostos pelo professor Joaquim sinalizavam a importância dos prefácios escritos por Antonio Candido, um deles considerado exemplar, porque arremata o caráter autobiográfico de *Vale a pena sonhar*, de Apolônio de Carvalho: “Este livro é feito com paixão discreta e sincera por um homem que pode olhar o passado certo de que deu conta da sua tarefa muito além do que requeria o dever. E é o livro de alguém dotado da rara capacidade de viver rigorosamente conforme as suas convicções. No caso convicções socialistas, constituídas bem cedo num processo de amadurecimento descrito nessas páginas” (1997).

18 AGUIAR, 10.07.03.

claramente estão além da *adequação nacional*. Para entender a *originalidade crítica*<sup>19</sup>, podemos pensar naquele vão ainda pouco estudado dos ensaios de Candido, com preocupações de eixo existencial, conforme ele mesmo nos aponta no prefácio: “o desejo de explicar o aparente por meio do oculto” (p.13), uma vez que nessas obras o tema da guerra, da catástrofe e da morte, são recorrentes. “É um problema estético: não adianta mostrar as marcas locais, se elas são universais”<sup>20</sup>, também.

## Referências

- AGUIAR, Joaquim Alves de. Dois em um (notas sobre *Tese e antítese* e *O discurso e a cidade*). *Revista Literatura e Sociedade*, São Paulo, USP, n.12, 2009.
- CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese. Ensaios*. 3.ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira e outros escritos*. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antonio. “Prefácio” In Carvalho, A. *Vale a pena sonhar*. Rocco: Rio de Janeiro, 1997.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. [3.ed. Rio Janeiro: Ouro sobre azul, 2004]
- CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Teresina etc.* 3.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 10.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 14.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013.
- CARVALHO, Apolonio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FONSECA, Maria Augusta da & SCHWARTZ, Robert. (org.) *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018.

19 Os termos em itálico são título de um dos ensaios de Roberto Schwarz, em *Sequências brasileiras* (1999, p.24). AGUIAR, 22.05.03.

20 AGUIAR, 05.06.03.